

## **Angústia: o romance no romance e as visões críticas de um personagem-escritor**

Mestre e Doutoranda Michele Giacomet<sup>1</sup> (UFG)

### **Resumo:**

*O presente estudo se propõe a analisar o romance Angústia de Graciliano Ramos sob o ângulo do personagem-escritor Luís da Silva e da possível escritura de um romance em seu interior. Acreditamos ter sido a utilização do referido procedimento – o romance no romance – presente na obra em análise o que desencadeou novas articulações no espaço textual e, entre elas, a exposição do processo construtivo da obra. O romance passa a ser o assunto do próprio romance, espaço em que se examina, se discute e se questiona o fazer romanesco, a matéria literária e a linguagem literária. Atribuímos, então, um caráter inovador à obra de Graciliano Ramos, bem como acreditamos que estes questionamentos possibilitam e/ou possibilitaram uma renovação do gênero romanesco e, conseqüentemente, contribuíram para com a evolução do gênero romanesco.*

**Palavras-chave:** auto-reflexividade, *mise en abyme*, o romance no romance.

### **Introdução**

O romance *Angústia* de Graciliano Ramos conta com a inserção de um personagem-escritor, ou melhor, um narrador protagonista, que é também um personagem-escritor e que narra na primeira pessoa do discurso. Trata-se, pois, na terminologia de Gerard Genette<sup>1</sup>, de um narrador autodiegético. O personagem à medida que narra/escreve, tece comentários e considerações acerca do fazer literário e de seus próprios escritos. Portanto, Graciliano Ramos utiliza-se da estratégia da *mise en abyme*<sup>2</sup>, ou construção em abismo, para deflagrar o processo de reflexividade textual.

Lucien Dällenbach, em *Le récit spéculaire*, assinala três formas de espelhamento: a reduplicação simples, que consiste em um fragmento que estabelece uma relação de similitude com a obra em que está incluído; a reduplicação ao infinito, que apresenta também uma relação de similitude com a obra em que está incluído, e que o inclui por sua vez, e assim continuamente; a reduplicação aporística ou especiosa, que inclui um fragmento que inclui a obra que o inclui. As três formas de reduplicação são denominadas *mise en abyme* ou espelho interno e permitem o reflexo do conjunto da narrativa. Portanto, a questão da *mise en abyme*, sob todas as suas formas, tem como aspecto fundador a noção de reflexividade. A proposição de Dällenbach conta ainda com um quarto tipo de *mise en abyme*, que é a do tipo metaficcional.

Em *Angústia* temos a presença da *mise en abyme* do tipo aporística ou especiosa, ou seja, temos a inclusão de um romance no romance (inclui a obra que o inclui) e que implica a presença de um personagem-escritor, às voltas com a escrita romanesca e questionando, do interior da própria narrativa, aspectos diversos do fazer literário e da estética do romance.

A atitude reflexiva assumida no texto, inerente à *mise en abyme*, caracteriza-se por posicionamento críticos e estéticos, que remetem ao fazer romanesco, à distribuição e à recepção, podendo, em alguns casos, esboçar as preocupações do autor sobre esses aspectos ou, ainda, projetarem-se sobre a obra fazendo com que o texto literário seja convertido em produto das idéias nele propostas.

Ao assumir tais características, o romance, objeto de si mesmo, reivindica um leitor mais ativo, que participe de interação autor-leitor. O leitor passa a ser invocado e convocado para reconstruir a ordem do romance, para preencher as lacunas, talvez conscientemente deixadas pelo

<sup>1</sup> GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1995.

<sup>2</sup> DÄLLENBACH, Lucien. *Le récit spéculaire*. Paris: Seuil, 1977.

autor. Assim, um dos temas recorrentes no romance moderno será a arte do próprio romance: uma arte que recria o mundo através da narrativa, mas que também questiona, discute e examina o fazer romanesco, a matéria literária, a linguagem romanesca e sua recepção. Todos estes aspectos tornam-se, na verdade, o próprio assunto do romance, sendo então a discussão sobre a forma não só o meio para se chegar ao conteúdo, mas o próprio conteúdo.

O personagem-escritor, em *Angústia*, é Luís da Silva, um funcionário público, com veia literária, que se apaixona por Marina, sua vizinha, e fica noivo dela. Porém, um outro pretendente de Marina, Julião Tavares, rouba a atenção da moça, engravida-a e a abandona. Luís da Silva, corroído pelo ciúme, planeja a morte do opositor, o mata, e espera pela punição, em meio a um intenso movimento interno: devaneios, pânico, obsessão e delírio, expressos por vários recursos, entre eles, o monólogo interior. Nesse momento - a partir do planejamento do assassinato de Julião Tavares -, surge-lhe a idéia de escrever um livro.

O protagonista trabalha como escrivão em uma repartição pública e ainda escreve para um semanário, além de vender seus poemas, de criticar e corrigir obras de outros autores. É um escritor profissional, já que faz da venda de seus escritos uma fonte de renda. Luís da Silva exerce sua função de jornalista como funcionário, como ele próprio afirma:

Trabalho num jornal. À noite dou um salto por lá, escrevo umas linhas. Os chefes políticos do interior brigam demais. Procuram-me, explicam os acontecimentos locais, e faço diatribes medonhas que, assinadas por eles, vão para a matéria paga. Ganho pela redação e ganho uns tantos por cento pela publicação, (p. 45)<sup>3</sup>.

Luís da Silva exerce também a função de revisor e de crítico literário. Na verdade, não temos noção do teor das críticas por ele feitas, embora alguns de seus comentários nos levem a pensar que sejam resenhas críticas: "[...] recebo de casas editoras de segunda ordem traduções feitas à pressa, livros idiotas, desses que Marina aprecia. Passo uma vista nisso, alinhavo notas ligeiras e vendo os volumes no sebo" (p. 45).

Seus comentários sobre essas críticas restringem-se ao mero juízo de valor. Ele apenas diz se o texto por ele apreciado é bom ou ruim, mas, na maioria das vezes, suas críticas são depreciativas, como se pode ver na seguinte afirmação: "— Ora, muito bem. Isto é tão ruim que eu, com trabalho, poderia fazer coisa igual" (p.32). Além de depreciativas, as suas críticas são inconseqüentes, já que ele tece comentários negativos sobre autores que ele nem mesmo conhece:

Alguns rapazes vêm consultar-me:

- Fulano é bom escritor, Luís?
- Quando não conheço Fulano, respondo sempre:
- É uma besta.

E os rapazes acreditam, (p.46)

Outro alvo de suas críticas são personagens que o cercam e que também arriscam-se a escrever artigos e poemas, como por exemplo, Julião Tavares, seu antagonista, o amigo Moisés, Pimentel e o Dr. Gouveia. Sobre este último ele comenta:

Dr. Gouveia é um monstro. Compôs, no quinto ano, duas colunas que publicou por dinheiro na secção livre de um jornal ordinário. Meteu esse trabalhinho num caixilho dourado e pregou-o na parede, por cima do *bureau*. Está cheio de erros e pastéis. Mas dr. Gouveia não os sente. O espírito dele não tem ambições. Dr. Gouveia só se

---

<sup>3</sup> Todas as citações de *Angústia*, de Graciliano Ramos, foram retiradas da 42ª edição. Portanto, para evitar remissões à bibliografia, citaremos apenas o número da página da referida obra nos exemplos. A notação completa encontra-se nas referências bibliográficas.

ocupa com o temporal: a renda das propriedades e o cobre que o tesouro lhe pinga (p. 8).

Luís da Silva possui uma natureza contraditória, se observado de certos ângulos. Sua atividade enquanto leitor/crítico/escritor é marcada por uma série de contradições. Por exemplo, ele considera que seus escritos não têm qualidade e, mesmo assim, quer publicá-los. Apesar de exercer a função de crítico, o faz a contra-gosto, por considerar esta ocupação entediante; critica os escritores que se vendem e se vende também. Podemos afirmar que estas contradições o definem. Elas podem ser percebidas ao longo da narrativa, como veremos oportunamente em vários exemplos.

Para Luís da Silva, a prática da crítica exige "esforços": não é uma atividade prazerosa. Ele considera suas ocupações "cacetes". Para ele, a leitura de romances - algo inerente ao ofício de escritor, de crítico e de revisor - é uma "maçada" e, do ponto de vista do crítico, todo livro é um "estrupício":

**Esforçava-me** por me dedicar às **minhas ocupações cacetes**: escrever elogios ao governo, ler romances e **arranjar uma opinião sobre eles. Não há maçada pior.** A princípio a gente lê por gosto. Mas quando aquilo se torna uma **obrigação** e é preciso o sujeito dizer se a coisa é boa ou não é e porque, não há livro que não seja um **estrupício** (p. 88; grifos nossos).

O narrador, além de criticar o que outros escrevem, exerce também a auto-crítica, no que se refere a sua produção como escritor. No entanto ele não deixa claro o quê e nem tampouco porque seus poemas, seus artigos e seus outros escritos não são bons. Ele apenas afirma a péssima qualidade deles, chegando quase a ser obsessivo em reconhecer isso. Apontamos nesta atitude o espírito contraditório do personagem-escritor: se o que ele escreve é tão ruim assim, e ele demonstra ter consciência deste fato, como pode ter intenção de publicar o que escreve? O exemplo que se segue evidencia a atitude crítica que o personagem-escritor tem para com os seus escritos.

Habituei-me a escrever como já disse. Nunca estudei, **sou um ignorante**, e julgo que os meus escritos **não prestam**. Mas adquiri cedo o vício de ler romances e posso, com facilidade, arranjar um artigo, talvez um conto. Compus, no tempo da métrica e da rima, um livro de versos. Eram duzentos sonetos, aproximadamente. Não me foi possível publicá-los, e com a idade compreendi que **não valiam nada**. [...] Um dia, na pensão de d. Aurora, o meu vizinho Macedo começou a elogiar um desses sonetos, que **por sinal era dos piores**, e acabou oferecendo-me por ele cinquenta mil-réis. (p. 45; grifos nossos)

Ao mesmo tempo em que Luís da Silva tem uma consciência negativa daquilo que escreve, deixa clara a sua facilidade para escrever: "[...] e posso com facilidade, arranjar um artigo, talvez um conto." Deixa clara ainda a sua intenção de publicar seus escritos, embora reconheça que seus "sonetos não valiam nada". Apesar disto, vende rotineiramente seus produtos (poemas e artigos sob encomenda), evidenciando, assim, mais um aspecto de sua natureza contraditória. Aliás, em vários momentos da narrativa, ele afirma seu ofício de escritor de encomenda e faz diferentes considerações sobre este fato:

Que miséria! Escrevendo constantemente, o espinhaço doído, as ventas em cima do papel, lá se foram toda força e todo ânimo. De que me servia aquela verbiagem? - "Escreva assim, seu Luís." Seu Luís obedecia. - "Escreva assado, seu Luís." Seu Luís arrumava no papel as ideias e os interesse dos outros. Que miséria! (p. 142)

Um outro exemplo em que o personagem-escritor deixa clara a sua condição de escritor de aluguel é a seguinte passagem: "As vezes eu estava espremendo o miolo para obter uma coluna de amabilidades ou descomposturas. É o que sei fazer, alinhar adjetivos, doces ou amargos, em conformidade com a encomenda" (p. 46).

Não raro, o narrador nos informa sobre o numerário adquirido com a venda de seus escritos - o que o ajudava a suprir suas necessidades -, bem como sobre o tipo de clientela que recorria a seus serviços: "Moisés e Pimentel apareciam-me às vezes, e alguns rapazes acanhados vinham pedir-me em segredo artigos e composições poéticas, que eu vendia a dez, a quinze mil-réis. Isto chegava para o aluguel da casa - e Dr. Gouveia não me importunava" (p. 32).

Luís da Silva ao passar diante de uma livraria - ambiente que outrora lhe fora agradável -, tem uma reação negativa ao ver os livros na vitrine, associa esta exposição à prostituição:

Passo diante de uma livraria, olho com desgosto as vitrinas, tenho a impressão de que se acham ali pessoas exibindo títulos de preços nos rostos, vendendo-se. É uma espécie de prostituição. Um sujeito chega, atenta, encolhendo os ombros e estirando o beijo, naqueles desconhecidos que se amontoam por detrás do vidro. Outro larga uma opinião à toa. Basbaques escutam, saem. E os autores, resignados, mostram as letras e os algarismos, oferecendo-se como as mulheres da Rua da Lapa. (p. 07)

Se a impressão que ele tem é esta, por que gostaria de ter seu nome ali também exposto na capa de seus escritos? Caso isto acontecesse, não se assemelharia ele aos escritores sobre os quais tece comentários reprobatórios? Não estaria ele expondo-se e vendendo-se também? Da mesma forma, não está ele se vendendo quando aceita escrever sob encomenda? Do ponto de vista do próprio Luís da Silva, aparentemente, não, pois ele - ao enfatizar que executa a tarefa de escrever por encomenda, para satisfazer o desejo do comprador e que assim age por "necessidade" - parece estar tentando justificar sua condição de escritor de aluguel. Com isso, pretende estabelecer uma diferença entre a sua conduta e a dos demais escritores que ele critica, por se "prostituírem" vendendo seus escritos.

Ao longo da narrativa, Luís da Silva comenta freqüentemente sua diversificada atividade como escritor. Além de escrever artigos sob encomenda, e de ter escrito um livro de contos, duzentos poemas - que não tendo conseguido publicar, vendeu por necessidade - e da atividade de crítico literário, ele, a partir de um determinado momento da narrativa, é tomado por um súbito desejo de escrever um livro. À medida em que a narrativa evolui para o assassinato de Julião Tavares, essa idéia começa a adquirir novas proporções; o desejo e a idéia do livro tornam-se quase que uma obsessão para ele.

Embora Luís da Silva reitere insistentemente seu desejo de escrever um livro, ele praticamente não nos revela o conteúdo desse livro. Por outro lado, ele vai adiando uma informação mais precisa sobre o tipo de livro que pretende escrever: "Enquanto estou fumando, nu, as pernas estiradas, dão-se grandes revoluções na minha vida. Faço um livro, livro notável, um romance" (p. 132). Nesta passagem, o personagem-escritor elabora em sua imaginação o livro que deseja escrever, e que será como ele mesmo diz, "notável". A idéia do livro que persegue Luís da Silva, repetida em diversos momentos da narrativa, funciona como uma espécie de *leitmotif*. O personagem-escritor almeja, com o livro idealizado, os louros da fama e a crítica favorável. Luís da Silva quer conseguir a notoriedade de um escritor famoso, reconhecido não só em Maceió, mas até mesmo internacionalmente.

Em sua casa, enquanto está "fumando, nu e com as pernas estiradas", Luís da Silva, além de imaginar escrever seu livro, sonha com as consequências benéficas e os privilégios que este livro lhe traria. Para ele esse romance seria motivo de ascensão social, pois a opinião pública se manifestaria, positivamente ou negativamente, sobre ele. Não importa: falaria nele, seu nome seria lembrado, e a publicação de seu livro provocaria sentimentos como inveja, raiva e ciúmes. Ele tinha a convicção de que iria "crescer muito": teria prestígio, seu nome conquistaria as "cidades grandes" e ele seria parabenizado pela obra que escreveu:

Os jornais gritam, uns me atacam, outros me defendem. O diretor olha-me com raiva, mas sei perfeitamente que aquilo é ciúme e não me incomoda. Vou crescer muito.

Quando o homem me repreender por causa da informação errada, compreenderei que se zanga porque o meu livro é comentado nas cidades grandes. E ouvirei as censuras resignado. Um sujeito me dirá:

- Meus parabéns, seu Silva. O senhor escreveu uma obra excelente. Está aqui a opinião dos críticos (p. 132).

Nos seus devaneios, ele se via reconhecido não só em Maceió, mas também nas "cidades grandes" e, até mesmo, internacionalmente: "[...] faria um grande livro, **que seria traduzido e circularia em muitos países.**" (p. 24; grifo nosso)

Mesmo diante da possibilidade de ser preso pelo assassinato de Julião Tavares, Luís da Silva imagina que o simples fato de estar escrevendo um livro na prisão já seria uma fonte de regalias e privilégios.

Faria um livro na prisão. Amarelo, [...]. Escrevê-lo-ia a lápis, em papel de embrulho, nas margens de jornais velhos. O carcereiro me pediria umas explicações. Eu responderia: - Isto é assim e assado. Teriam consideração, deixar-me-iam escrever o livro. Dormiria numa rede e viveria afastado dos outros presos." (p. 211)

Uma leitura pouco atenta de *Angústia* leva o leitor a pensar que o livro de Luís da Silva é apenas uma idéia fixa, uma obsessão, um projeto que não se concretiza. No entanto, uma leitura mais atenta induz o leitor a se questionar se o livro que acabou de ler não seria o livro escrito por Luís da Silva. Alguns indícios levam-nos a formular esta hipótese. Em primeiro lugar, o fato de *Angústia* ser narrado em primeira pessoa, e de o narrador contar a história de sua vida. Em segundo lugar, a recorrência de alguns dêiticos ao longo da narrativa:

Afinal, para a **minha** história, o quintal vale mais que a casa. (p. 38);

[...] e se os menciono, é que, escrevendo **estas notas**, revejo-os **daqui**. (p.39);

[...] Procurando reproduzir **os nossos diálogos**, compreendo que não dizíamos nada.(p. 39)

[...] **história que narro**. (p. 28)

Além destes exemplos, um outro indício semelhante, que merece ser ressaltado, é a frequência com que o narrador interpela o leitor. A aprovação do leitor quanto aos fatos narrados parece necessária ao personagem-escritor de Graciliano.

Como vêm, eu tinha boa vontade, (p. 67)

Que é que me podia acontecer? (p. 155)

Foi por aquele tempo que Julião Tavares deu para aparecer aqui em casa.  
Lembram-se dele. (p. 43)

Achamos, porém, que o aspecto de maior relevância no sentido de nos levar a pensar que o livro que estamos lendo é o livro de Luís da Silva, é a estrutura circular que se percebe em *Angústia*. Percebe-se claramente uma continuidade temporal entre o final do último capítulo e o início do primeiro. O livro termina com o paroxismo da crise de delírio de Luís da Silva, crise em que estivera mergulhado por várias semanas, após o assassinato de Julião Tavares: "[...] fazia semanas em que eu me estirava no colchão duro, longe de tudo", (p. 218) E o primeiro capítulo inicia-se com a afirmação:

Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiam naquelas noites compridas, umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios.

Não há como não pensar que a afirmação: "levantei-me" não se refira à saída da crise por ele vivida e apresentada através do longo monólogo interior do capítulo final. Dá-se o mesmo com referência à permanência das "visões que [o] perseguiam naquelas noites compridas".

Outro fato a ser salientado para ilustrar nossa hipótese é a oposição entre o passado dos fatos ocorridos, narrados no passado "Levantei-me" e "perseguiam", e o presente da enunciação: "[...] me produzem calafrios". Essa oposição se repete ao longo da narrativa.

Apesar de todas essas evidências, outros indícios, como a afirmação: "Felizmente a idéia do livro que me persegue dias e dias desapareceu." (p. 13), levam-nos a pensar que o protagonista não é o autor da narrativa que estamos lendo - o que configuraria o romance no romance -, mas apenas o narrador da história instituído por Graciliano Ramos. Uma outra possibilidade que nos vem ao espírito, seria considerar indícios como este último uma estratégia de Graciliano Ramos para confundir seus leitores.

Um outro fato recorrente em *Angústia* é a presença de personagens-leitores. Evidenciamos que grande parte dos personagens estão freqüentemente às voltas com algum tipo de leitura, a começar pelo personagem-escritor. Ele está constantemente com um livro nas mãos. Marina, também, é vista com romances nas mãos, quase sempre desaprovados por Luís da Silva, que os considera fúteis. Personagens periféricos também são personagens-leitores: o avô, que nos tempos de glória era considerado homem instruído, de quem Luís da Silva herdou o gosto pela leitura; o pai do narrador que vivia lendo *Os doze pares de França*, de Carlos Magno; a empregada Vitória que estava sempre lendo jornais, tinha como único objeto de leitura notícias relativas a chegadas e partidas de navios; há ainda, Moisés e Pimentel que mantêm uma relação profissional com o protagonista e que também estão sempre lendo notícias de cunho social e político, nos jornais.

Embora cada um dos personagens se interesse por um tipo particular de leitura, a fuga da realidade parece ser o ponto comum que orienta a escolha da leitura de quase todos eles. Cada um deles parece encontrar na leitura uma forma de evasão.

Para Marina, por exemplo, a leitura dos livros da Biblioteca das moças indica a busca, por ela, de uma realidade idealizada, diferente do mundo sórdido em que ela vivia. A fixação do pai do protagonista, na leitura dos *Os doze pares de França*, também denuncia o desejo que esse personagem tem de se refugiar num passado remoto, e viver as aventuras de grandes heróis.

Quanto a Vitória, seu profundo desejo de evasão pode ser percebido por seu interesse constante pelas notícias referentes ao movimento portuário e ao embarque e desembarque de passageiros ilustres. A fixação de Vitória nesse tipo de leitura leva Luís da Silva a dizer que "ela tem o espírito cheio de de barcos" (p. 29).

Assim, para Luís da Silva, como para os demais personagens de *Angústia*, a leitura representa a possibilidade de escapar da realidade que, às vezes, torna-se pesada demais:

O que eu precisava era ler um romance fantástico, um romance besta, em que os homens e as mulheres fossem criações absurdas, não andassem magoando-se. Traíndo-se. Histórias fáceis, sem almas complicadas. Infelizmente essas leituras já não me comovem, (p. 90)

Porém, não é só esta função - a de evasão - que pode ser atribuída às leituras dos personagens. No caso de Marina, na verdade, a leitura servia sobretudo, como um pretexto para entabular conversa com Luís da Silva. Quanto a este, por sua vez, as vezes, fingia também ler no quintal para observar Marina. Esta simulação de leitura serve como um atrativo para a moça e pretexto para o início de conversas.

Além destas razões, para o personagem-escritor, a leitura vai desempenhar uma função fundamental, que é a de estimulá-lo a escrever, pois segundo ele "Os livros idiotas animam a gente. Se não fossem eles, nem sei quem se atreveria a começar" (p. 32).

A leitura, seja como busca do prazer ou busca da evasão, ou seja como objeto de críticas, aparece em *Angústia* como uma idéia obsessiva, talvez, por ser este um personagem-escritor que faz

do ofício de escritor uma profissão remunerada e esteja ou se ache capacitado para tal. A leitura, neste caso, seria um instrumento auxiliar de sua profissão.

No entanto, Luís da Silva, é um personagem-escritor que não informa ao leitor nem o tema, nem as preocupações formais que o cercam na escrita em potencial de seu livro. O livro de Luís da Silva torna-se uma angústia não só para o personagem-protagonista, mas também para o leitor que o vê muito mais como um crítico da obra alheia, não exercendo a crítica literária, mas a crítica atroz, negativa e, como já dissemos, reprobatória dos escritos de outros.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ANTUNES, Nara Maria. A literatura voltada sobre si mesma. In: *Jogo de espelhos: Borges e a teoria da literatura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 54-72.
- [2] ARRIGUCCI, Davi. Convergências, divergências: o círculo e a espiral. In: *O escorpião encalacrado: A poética da destruição em Julio Cortazar*. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 167-209.
- [3] BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1988.
- [4] BARBOSA, João Alexandre. A modernidade do romance. In: *Leitura do intervalo*. São Paulo: Iluminuras, 1990, p. 119-131.
- [5] \_\_\_\_\_. *Linguagem e metalinguagem em João Cabral*. In: *A metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 137-159.
- [6] BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- [7] BRADBURY, Malcon & MC. FARLANE, James. (Org.) *Guia geral do modernismo 1890-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- [8] BRAYNER, Sônia (Org.) *Graciliano Ramos*. Fortuna crítica, 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- [9] CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- [10] \_\_\_\_\_. *Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- [11] CÂNDIDO, Antônio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- [12] CARPAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In: *Angústia*. RAMOS, Graciliano. São Paulo: Record, 1994.
- [13] CARVALHO, Lúcia Helena. *Aponta do novelo: uma interpretação de Angústia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1983.
- [14] CRISTÓVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos - estruturas e valores de um modo de narrar*. Rio de Janeiro: INL / MEC, 1975.
- [15] DÄLLENBACH, Lucien. *Le récit spéculaire*. Paris: Seuil, 1977.
- [16] FARIA, Zênia de. A ficção como crítica. In: *Signótica*, Goiânia, n. 3, p. 145-160, jan/dez. 1991.
- [17] GARBUGLIO, José Carlos et alii. *Graciliano Ramos: Antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1997.
- [18] GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1995.
- [19] HUTCHEON, Linda. *Narcissistic narrative: the metafictional paradox*. New York: Methuen, 1984.
- [20] LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1996.

- [21] LUCAS, Fábio. Considerações sobre a ficção: alguns problemas universais. In: *A face visível*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1973, p. 77-92.
- [22] MINDLIN, Dulce Maria Viana. *Ficção e mito: à procura de um saber*. Goiânia: CEGRAF-UFG, 1992.
- [23] MOISÉS, Leyla Perrone. *Texto, crítica, escritura*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1993.
- [24] MOURAO, Rui.. *Estruturas - ensaio sobre o romance Graciliano*. Belo Horizonte: Tendência, 1969.
- [25] PAGEAUX, Daniel-Henri. *Naissances du roman*. Paris: Klincksieck, 1995.
- [26] RAIMOND, Michel. *La crise du roman*. Paris: Corti, 1985.
- [27] RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 42 ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- [28] REIS, Carlos & LOPES, Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- [29] RICARDOU, Jean. *Le nouveau roman*. Paris: Seuil, 1990.
- [30] ROBERT, Marthe. *Roman des origines et origines du roman*. Paris: Gallimard, 1972.
- [31] ROSENFELD, Anatol. *Reflexões sobre o romance moderno*. In: *Texto / contexto*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 75-97.
- [32] TELES, Gilberto Mendonça. A escrituração da escrita. Uma leitura dos romances de Graciliano Ramos. In: *A escrituração da escrita*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 397-420.
- [33] TODOROV, Tzvetan & DUCROT, Oswald. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

---

## **Autor**

\*Michele GIACOMET (Ms., Doutoranda)  
Universidade Federal de Goiás (UFG)  
Faculdade de Letras  
michelegiacomet@uol.com.br